

NOS VÉUS DA CARNE

Na illusão material da carne espúria,
Sob o acervo das células taradas,
Choram de dor as almas condenmadas
Ao carcere de lagrima e penuria.

Entre as sombras das miseras estradas,
Vê-se a guerra da inveja e da luxuria,
Espacelando com medonha furia
O coração das almas bem formadas.

E' nesse turbilhão de dor e de ancia
Que o homem procura a eterna substancia
Da verdade suprema, alta, immortal.

Deixando corpos pelos cemiterios.
A alma decifra o livro dos mysterios
De luz e amor da vida universal.

ALMA ESCRAVA

"Porque, meu Deus, a carne inda me prende,
Porque me arrasto como um triste duende,
Em miserabilissimos despojos?..." —
Era o ser encarnado que falava,
Amarguradas queixas da alma escrava,
No mais horrendo dos martyrologios.

"— Como pude descer nos labyrinthos,
Onde os lobos vorazes dos instictos
Nos consomem nos dentes de esfaimados,
E porque idealisando puros gosos,
Busco na carne abyssos tenebrosos,
Abominando todos os peccados?"

"Sou no mundo um phantasma solitario,
Só porque, um dia, um espermatozoario
Uniu-se, ancioso, ao óvulo fecundo.
E emergindo das ancias e dos partos,
Suguei, unindo a bocca a uns seios fartos,
Substancias misérrimas do mundo..."